

## **Cantareira**

O objetivo desta entrevista é entender melhor o funcionamento da pós-graduação em História da UFF, uma das mais conceituadas do país. Qual a sua avaliação sobre a intensa procura de vagas nesta área, um processo quem vem se intensificando cada vez mais? Como você analisa isso?



## **Guilherme**

Em 1º lugar, os cursos de pós-graduação foram criados a partir, basicamente, da década de 60, que foi quando esse negócio decolou em termos de Brasil. Um movimento absolutamente natural, com alguns aspectos bons e outros problemáticos. Pelo lado bom eu diria que talvez a História hoje represente dentro das ciências humanas, um dos setores mais estruturados enquanto um campo específico de trabalho, graças a criação dessas pós-graduações. Basta vocês voltarem algumas décadas, não precisa nem muito. Quando eu fiz meu mestrado aqui, que acabou em 1984, meus professores, com raras exceções, não tinham passado por uma pós-graduação, eram pesquisadores conceituados, tidos no geral muito bons. O próprio Falcon (Francisco José Calazans Falcon) passou a atuar na pós porque defendeu uma livre docência, já que tinha 30 ou 40 anos de docência na universidade, e nessa época só podia fazer essa livre docência, tendo e em função dessa defesa o título equivalente ao de Doutor. Entretanto, eu fui aluno de Tenório Rodrigues, que fez uma especialização nos estados Unidos, alguma coisa do gênero, na década de 40, mas não era uma pós-graduação no sentido que a gente tem hoje. Existem outros títulos ainda mais complicados em termos da carreira dele. O que quero dizer com isso é que o fato de você criar as pós-graduações, o fato de você ter mestres e doutores, e o fato de você começar a cobrar que os professores da Universidade tenham doutorado é um certo tipo de qualificação. O fato de o sujeito ser doutor graças a uma pesquisa que ele faz para tese, e o fato de continuar sendo professor na universidade porque tem que fazer

pesquisa, ou o fato de termos a ANPUH que, bem ou mal, organiza congressos e coisas do gênero onde você apresenta trabalhos, onde você e tem uma cobrança para que estes profissionais apresentem trabalhos, neste ou em outros congressos, isso tudo faz com que você crie uma certa dinâmica de trabalho em termos de história, e isso eu acho que foi o efeito da presença dessas pós-graduações e da sua multiplicação. Então por esse lado eu diria que é ótimo. Hoje, o lado preocupante para as pós-graduações em história é que o único programa privado que existia era o de vassouras, que era exatamente o mais fraco de todos os programas. Visto isso, eu não acho que a pós-graduação de história já tenha atraído interesse, em termos stricto sensu, das faculdades particulares. O mercado com certeza é muito pequeno para as faculdades particulares se interessarem. O custo é alto porque você vai ter que ter gente muito qualificada pra poder dar aula e, por outro lado, o público não é tão grande assim. Principalmente porque você não tem mercado pra tudo aquilo que esses cursos de pós-graduação estão produzindo. O que quero dizer é que a dedução do ritmo de ampliação das universidades públicas, aliado ao fato de as universidades particulares não terem o suficiente interesse em melhorar a qualidade de seu corpo docente, faz com que estes mestres e doutores não tenham o que fazer.

Por outro lado à gente também tem uma situação complicada, pessoalmente falando, em termos da relação do nosso país com a própria História. Eu não acho que tenhamos uma boa relação com a nossa História. A História em relação aos países europeus funcionou muito ao longo do século XIX, e daí em diante, como uma espécie de base para criação de uma certa identidade coletiva. Os franceses se sentem franceses porque partilham uma história que é a história dos franceses. Os alemães, apesar de estarem divididos em condados e em pequenas unidades, se vêem enquanto descendentes de uma cultura germânica.

## **Cantareira**

O que é uma coisa criada não é?

**Guilherme**

Claro que foi criada. Aqui no Brasil isso não é bem verdade. O lado que cria os nossos laços de identidade passa por outros caminhos. É muito mais fácil você se identificar enquanto brasileiro porque você torce pelo flamengo do que você dizer que você vem da tradição da cristandade criada por Pedro Álvares Cabral. Uma coisa muito mais contemporânea e de outra ordem. Quando se percebe que a função do historiador cresceu no século XIX na Europa em função da necessidade da construção de uma história, a gente fica se perguntando para que estamos construindo uma história em termos de Brasil hoje se ela não vai ser aproveitada ou se vai ser aproveitada de uma maneira um tanto quanto torta. Então a gente fica se perguntando porque o governo lula vai dar dinheiro para as pós-graduações de História em vez de dar dinheiro para um programa de combate a fome. Dar dinheiro para um programa contra fome é mais importante de uma certa maneira. Um outro problema é o próprio mercado de trabalho na nossa área. Quer dizer, o fato de um licenciado sair da sua graduação para procurar emprego, o que ele vai encontrar: uns cursinhos vagabundos, uns colégios que pagam mal; um trabalho desgraçado porque se você entra pra rede pública que te dá uma certa estabilidade, até uma certa autonomia deste profissional, que é uma coisa que o colégio particular não permite, esse profissional vai ganhar pouco e trabalhar muito e ainda vai se chatear. Então, de uma certa forma, e aí vem às distorções deste processo todo, o próprio estado, e estamos falando do estado dos militares, preocupado em desenvolver as pós-graduações criou um sistema de bolsas que, é claro, não tinha como meta o curso de história. Eles estavam pensando em Medicina, Engenharia, Tecnologia. Mas como é que você vai dar bolsas apenas para área tecnológicas se você tem uma universidade organizada também com programas de pós-graduação em História. Então você acabou tendo que dar uma bolsa também para o programa de História. Se os programas de História souberam utilizar isso bem e concentrar uma certa quantidade de bolsas você começa a criar uma situação complicadíssima. O profissional sai da graduação e não encontra emprego razoável, mas em compensação ele entra pro mestrado ou doutorado e pode ganhar uma bolsa, que é o dobro do que ele pode

ganhar dando aulas dentro do mercado de trabalho. Então vale mesmo que ele não tenha vontade de fazer pesquisa, mesmo que não seja uma necessidade intrínseca a ele, mesmo que ele não tenha vocação para aquilo. Quer dizer, é melhor ele ser mestrando e doutorando, e ter mais três anos de mestrado e mais dois de doutorado. Então eu acho que isso deturpa do outro lado. Claro que os países desenvolvidos tem algum sistema de apoio a este tipo de pesquisa, mas não são sistemas de apoio tanto quanto eu saiba com as características das nossas bolsas. O ensino de pós-graduação é pago mesmo nas universidades públicas e além disso você ainda tem o problema de se manter sem uma bolsa. Normalmente, você vai conseguir uma bolsa pra fazer uma pesquisa específica numa fundação, onde se entra com um projeto que vai disputar com outros e vai descobrir que aquela fundação se interessa pelo projeto e vai de dar uma certa quantia pra você desenvolver o projeto. É um sistema bastante diferente, isto é, como sempre o estado brasileiro agiu de uma forma bastante paternalista, facilitou muito o lado pra não se envolver. Quer dizer, você tem esse conhecimento todo que foi gerado e não tem onde colocá-lo.

### **Cantareira**

A UFF é nota 7 pela CAPES, o que significa isto e qual a responsabilidade de administrar esta nota?

### **Guilherme**

Bom, para que serve este 7 na UFF estou para descobrir. Ainda não descobri nenhuma vantagem deste sete na UFF. Teoricamente, isto é uma tentativa destas agências de colocar um pouco de ordem neste negócio e estabelecer uma gradação entre estes cursos de pós-graduação. Os programas de pós-graduação para terem validade têm que ser reconhecidos pela CAPES que é o órgão do Ministério da Educação, tem que ser credenciados. Antigamente estas notas eram letras que iam de A a F, toda época na verdade teve um critério diferente. Caso o programa receba uma avaliação negativa e não consiga arrumar seus procedimentos, suas características, em um certo prazo a CAPES descredencia

programa. Sendo assim, é neste sentido que este sistema funcionaria, a nota é uma maneira de aferir a qualidade dos programas, se os programas não estão dentro de certos critérios eles seriam desligados. A UFF teve vários na área de medicina nesta situação e a capes parece que foi muito rigorosa, e não foi só na UFF parece que foi no Brasil inteiro que saíram cortando programas de pós da medicina. Especificamente em História, temos um caso de descredenciamento de um programa de duas universidades desenvolvido na forma de um convênio, mas brigaram entre si e o negócio degingolou. E este parece que foi cortado, vai ser cortado. O resto vai se mantendo. Esse mais fraquinho que eu citei está sempre na berlinda. No mais, o que vai acontecendo é que são muitos programas novos de que vão surgindo como forma destas universidades se projetarem, o que acaba por produzir coisas redundantes ou desnecessárias ou não tendo pessoal necessário. É claro que, a medida que os professores se qualificam, estas universidades acabam por formar uma massa crítica que permite a criação destes programas, que é uma coisa natural, e isso tem se repetido e está se acelerando porque as universidades brasileiras estão qualificando seus quadros.

Voltando ao 7, este é o último critério que está sendo utilizado atualmente e adotaram o critério dos números que vão até 5. Quem avalia pode elevar esta nota para aqueles que eles consideram acima da média, para 6 ou 7. Isto está vigorando a mais ou menos 4 ou 5 anos. Então, logo que começou este negócio da nota a UFF e a História Social da USP tiveram 7, Campinas teve 6 e os outros ficaram de 5 pra baixo. Dois anos depois veio uma segunda avaliação onde conseguimos manter o 7, USP ( História Social) e Campinas 6, e os outros de 5 pra baixo. O número de programas hoje está na casa dos 30 pra baixo. O 7 supõe exatamente esta excelência. O principal critério que norteia esta avaliação talvez seja o de inserção internacional do programa, o que funciona muito mais para área tecnológica. Vocês sabem que para o programa de História isto é complicado porque qual é a inserção internacional se você está basicamente fazendo história do Brasil. Você vai ter alguns pontos internacionais que tenham interesse em história do Brasil, mas aí eles começam a valorizar se o artigo foi publicado em Inglês. Só que quem se interessa por história do Brasil lá fora é capaz de ler

português, 98 por cento dos casos. Mas, sobretudo esta característica da UFF se dá por conta de termos um programa muito bem organizado, sobretudo funcionando razoavelmente bem, que é mérito de nossos professores que fazem o negócio andar bem. A gente tem uma produção e um corpo docente muito grande, sendo que temos ainda um número de professores entrando porque estão se titulando, é uma sensação diferente em relação a USP. O que acontecia na USP é que você tinha um número de professores que davam aulas por lá a já uns 20 anos, e que se aposentaram e não foram substituídos, ficando com o corpo docente congelado por falta de renovação, o que também é um critério da CAPES. Como a gente tem uma renovação razoável de quadros, pelo menos 6 estão entrando agora, isso nos ajuda a manter o 7. Então tem esses aspectos que ajudam aliado ao fato de termos uma produção séria e significativa. Em 2002 tivemos um número de 70 defesas, mais de 5 por mês, com variações de nível, mas tendo todas alcançado seu objetivo.

Para sermos avaliados temos que preencher 2 formulários, descrevendo artigo por artigo, dissertação por dissertação, atividade por atividade, disciplina por disciplina e mais um rol de itens que temos que preencher. Um volume imenso de informações que enviamos para CAPES onde estas informações são todas inseridas no computador, gerando tabelas e gráficas através de um sistema. Isso é apresentado para um comitê de professores que examina essas informações através da forma de índices. Comitê composto de cinco professores que são escolhidos através da própria comunidade. São os coordenadores dos programas que periodicamente votam, em geral ouvindo seu colegiado para isso. Às vezes formam-se chapas e acontecem brigas, mas no geral aqui no Rio de Janeiro este processo tem transcorrido de forma tranqüila. Tem-se daí uma lista de 7 ou 8 candidatos, a CAPES recebe isso e, em geral, indica-se o que tem mais currículo e este fica responsável pelo comitê. No caso da História existe um compromisso de quem for ocupar esta posição em chamar os seus auxiliares de acordo com a lista da votação, então existe este compromisso entre a gente. O comitê avaliador reúne-se pelo menos uma vez por ano pra avaliar estes dados da CAPES. As avaliações são trienais e o resultados são as orientações dadas, no sentido

mesmo do respeito aos critérios que eu já falei, em geral, redução do prazo de mestrado ou doutorado ou atenção para a renovação dos quadros. Isto é repetido no 2º ano e no terceiro ano é dada à nota. Nos estamos agora preenchendo o DATA CAPES do 2º ano para a próxima avaliação, o quer dizer que quando a gente preencher o data capes de 2003 no início de 2004, lá pra meados do mesmo ano vai sair uma nova nota, que pode se um sete ou não.

### **Cantareira.**

Esse 7 poderia ser usado ou é usado de alguma maneira como moeda de troca dentro UFF ou com outros órgãos do governo?

### **Guilherme**

Dentro da UFF nós temos o fato de que estamos acordando ainda pra isso, para a valorização dos cursos de pós-graduação, especialmente pro fato de que a universidade é também pesquisa. A UFF ainda é muito uma universidade tradicional que se vê ainda dando aulas e repetindo ou divulgando um determinado conhecimento, ainda se vê pouco como um centro produtor de conhecimento. Nesse sentido fica difícil de você usar o 7. Claro que o reitor sabe o que significa o 7, há o reconhecimento, mas as nossas janelas ainda continuam quebradas (infra estrutura do Centro de Ciências Humanas e Filosofia). A obra que a gente está fazendo a gente conseguiu por nossa qualidade fora da UFF, de vez em quando temos umas benesses aqui ou acolá, mas ainda é muito pouco pro que a história que representa pra UFF. Do lado de fora o que vemos realmente é um pouco de inveja de quem não é 7. Por que este sistema de notas acaba por representar que todos tem que tirar 7, já que por outro lado nestes programas, que estão começando, temos professores ainda inexperientes, que estão se organizando e com poucos alunos de qualidade. Assim acabam achando que seja um absurdo que eles sejam 3 e a UFF seja 7, e de vez em quando tentam torpedear este.

Cantareira

O programa de pós-graduação da UFF tem um convênio firmado com a Unioeste. Qual a história deste convênio e porque a Unioeste e não outra universidade?

Guilherme

Isto não foi uma escolha nossa, acho que foi uma série de coincidências que aconteceram. Na realidade, o professor responsável pela Unioeste foi nosso doutorando. Quando ele tentou arrumar o sistema pra melhorar o curso dele foi mais ou menos natural que nos procurasse. E a partir daí a idéia caminhou para a criação deste convênio, que é estimulado de diversas maneiras. O convênio da Unioeste não é o único possível. É uma idéia de unir uma instituição forte, no caso a UFF em história, a uma instituição que não tem professores qualificados suficientes, fornecendo essa qualificação. Montando um esquema pra titular esses professores e fazendo com que esta instituição tenha uma massa crítica suficiente para que ande por conta. Veja, a UFRJ montou um programa semelhante para a Universidade Federal do Ceará, e o curso de história desta universidade está agora com o programa de Pós-graduação em História, só com o mestrado, mas vai indo muito bem obrigado. Com a Unioeste foi fácil, eles tinham vantagens porque ficam localizados numa região carente, recebendo por conta disso determinados recursos.

O que aconteceu foi que professores daqui iam pra lá e passavam 15 dias, davam um curso intensivo nestes 15 dias e os alunos assistiam. Depois estes alunos tinham que fazer 4 meses de estágio aqui. Isso tudo são sistemas, a maioria das defesas estão ocorrendo por aqui, o pessoal de mestrado está quase terminando, e o pessoal de doutorado, uns nove mais ou menos, terminam no próximo ano, que é quando o convênio acaba. Mas a gente não está mais aceitando alunos novos da Unioeste.

Pra eles é vantagem porque eles ficam com o diploma da UFF, e aí o 7 vale, claro. Pra gente eu acho que é uma experiência boa e, de uma forma geral, eu ouço aqueles que participaram falarem muito bem. As defesas têm acontecido

de forma muito rápida, o que é bom pra gente. Estas 70 defesas do ano passado, por exemplo, boa parte delas foram da Unioeste, o que diminui os nossos prazos.

Cantareira

Existem boatos de que o MEC vem com novas exigências, que exigências seriam estas?

**Guilherme**

Olha, eu não estou sabendo de nada!

**Cantareira**

Então isso é boataria de corredor?

*Guilherme*

É, pode ser, porque eu não estou sabendo de nada ainda. O que eu tenho percebido é que o MEC está muito inerte o que é normal numa transição de governo. Com orientação diferente, a CAPES já era pra ter liberado nossa cota de bolsas, o CNPQ já liberou a nossa cota, ampliando as de mestrado e doutorado, 4 ou 5. Então, aparentemente, estão satisfeitos com a gente porque as bolsas estão saindo. Em 2002 começou um novo comitê, no qual não temos nenhum membro nosso, o que em termos de política no Brasil nos dá um certo receio, mas nós estamos preparados pra enfrentar isto. Agora este novo comitê diz que vai fazer uma visita aos programas, e aí ficamos um pouco preocupados.

Cantareira

Cada vez mais se tem utilizado o critério de idade pra o recebimento de bolsas. Qual o resultado disso já que muitos de nossos alunos têm entrado com a idade acima do permitido?

**Guilherme**

Bom, isso parece ser mais ou menos natural. Se eu não me engano, eu não sou capaz de dizer isso agora, teve alguma resolução recente insistindo nesta questão das datas. O que eu acho mais importante é entender que sistema de pós-graduação estamos fazendo. Quando a pós-graduação começou na universidade era uma novidade e você não tinha entrado neste sistema fabril de construção de teses. Quando eu estava fazendo mestrado, por exemplo, era de que minha dissertação era o máximo que eu podia fazer. Era quase uma obra prima que eu tinha que gerar. O resultado disso era que a gente levava muito tempo pra completar a dissertação, e de certa maneira, precisava-se de uma certa bagagem para fazer isso. As pessoas que vinham fazer a dissertação eram pessoas que já tinham certa experiência docente, de andar pelo mercado de trabalho pra lá e pra cá, já eram professores universitários, então era um tipo de perfil de pós-graduação. Isso foi mudando, essa gente se titulou ou não, e hoje o que a gente tem, e são aquelas deturpações da qual estava falando, são pessoas que acabaram de sair da graduação e entram diretamente pra pós, emendando mestrado de doutorado. Quer dizer, é um tipo diferente de aluno que vem com uma bagagem também diferente. Se a pós-graduação era vista no início como o coroamento da carreira ela está sendo vista cada vez mais como ponto de partida, você faz a pós-graduação pra entrar no mercado de trabalho de maneira mais favorável, antigamente você fazia a pós-graduação como uma forma de satisfação pessoal, para realizar-se. O que são dois modelos, o modelo americano no qual você se titula pra entrar no mercado de trabalho e o modelo francês que era a titulação honorífica. Se vocês pararem para analisar, o Pierre Villar levou 40 anos pra defender a tese, da década de 20 a de 60. Claro, sendo o Pierre Villar e levando 40 anos, saiu uma obra prima. Quer dizer, no fundo quando a gente pensa nestas coisas, é bom a gente levar em conta que tipo de pós-graduação a que estamos nos remetendo. Eu não acho errado a gente pensar que em princípio você faça uma pós-graduação rapidamente, pra formar um certo tipo de profissional que, a partir dali, vai desenvolver sua carreira. Então tem como fazer o mestrado em 2 e doutorado em 4, depois você cai na vida acadêmica e aí ele vai

fazer a sua carreira. Mas, fica sem definição porque você tende a querer que este profissional faça uma tese de doutorado com o nível dos outros, o que não dá. Aí este profissional termina sua pós-graduação e se acha importantíssimo, acha que a publicação da tese de doutorado dele tem que acontecer de qualquer maneira, fazendo da publicação de sua tese um acontecimento extraordinário que, na verdade, é apenas uma pedrinha. Pode ter sido bem feita, mas não vai revolucionar a historiografia. O problema que eu vejo é que a gente tem concepções diferentes de pós-graduação, com expectativas misturadas de um pra outro. E isso gera uma série de confusões com o que está se fazendo na realidade. De uma certa forma, a experiência com alunos de graduação em termos de PIBIC e Iniciação Científica, me parece fundamental neste processo. É onde o aluno começa a entender o que é uma pesquisa, o que é um arquivo. E se o aluno chega na pós sem esta experiência ele quebra a cara. Eu acho que estas coisas podem ser mais bem articuladas e de repente é uma experiência muito mais importante passar por isso durante a graduação. Neste sentido, eu acho a nossa formação muito rígida, por mais que o nosso currículo tenha essa montanha de possibilidades, ele é exuberante talvez onde ele não deva ser. Talvez seja mais importante nos utilizarmos da universidade como um local de convivência entre alunos e professores, que é o que estimula as pessoas. É o fato de você acompanhar o professor com uma certa experiência e ver como ele trabalha, você aprende muito mais desta maneira do que vendo uma aula sobre o império chinês no V século antes de cristo.

## **Cantareira**

Então há um certo descompasso entre a graduação e a pós?

## **Guilherme**

Sim, porque na pós não há apenas as aulas. É o trabalho dele com a pesquisa dele, e o trabalho dele com o orientador, a convivência dele com o orientador que vai de uma certa maneira, dar uma certa qualidade no trabalho do orientando. Ou

seja, é uma dinâmica diferente, completamente diferente da dinâmica da graduação.